

Avós e sogras

Dilemas e delícias da família moderna

Elizabeth Monteiro

AVÓS E SOGRAS
Dilemas e delícias da família moderna
Copyright © 2014 by Elizabeth Monteiro
Direitos desta edição reservados por Summus Editorial

Editora executiva: **Soraia Bini Cury**
Assistente editorial: **Michelle Neris**
Capa: **Buono Disegno**
Imagem de capa: **Dennis Cox/Shutterstock**
Projeto gráfico: **Crayon Editorial**
Diagramação: **Santana**
Impressão: **Sumago Gráfica Editorial**

Summus Editorial
Departamento editorial
Rua Itapicuru, 613 – 7º andar
05006-000 – São Paulo – SP
Fone: (11) 3872-3322
Fax: (11) 3872-7476
<http://www.summus.com.br>
e-mail: summus@summus.com.br

Atendimento ao consumidor
Summus Editorial
Fone: (11) 3865-9890

Vendas por atacado
Fone: (11) 3873-8638
Fax: (11) 3873-7085
e-mail: vendas@summus.com.br

Impresso no Brasil

Sumário



Introdução › 7

1. A avosidade › 15

2. Avós: suporte afetivo
que se transforma em equilíbrio › 21

3. Avós: força do passado
que se transforma em sabedoria › 31

4. Avós: amparo financeiro
que se transforma em estabilidade › 39

5. Avós: a força do afeto
que se transforma em amor › 47

6. Avós: renovação
que se transforma em reinvenção › 55

7. Avós: parceria
que se transforma em cumplicidade › 59

8. Os tipos de avó › 67

9. O que fazem os bons avós › 85

10. A educação amorosa › 95

- 11. A transmissão geracional › 97
- 12. Uma conversa olho no olho › 101
 - 13. Sua saúde › 107
- 14. Família e rompimento de vínculos › 113
- 15. As histórias que as famílias não contam › 119
 - 16. O seu momento › 123
 - 17. Mude com o mundo › 125
 - 18. Reflexões › 129
 - 19. Finalizando › 131

Introdução



Fazendo as apresentações

CARA LEITORA, SE VOCÊ não me conhece nem leu meus livros anteriores¹, esta é a hora das apresentações. Sou psicóloga e psicopedagoga. Há mais de 40 anos venho me dedicando a compreender as relações familiares e a ajudar pais e filhos a construir um relacionamento sólido, baseado na confiança, no amor e no respeito.

Nas últimas décadas, com o aumento do papel social – e econômico – dos avós na sociedade brasileira, cresceram também os conflitos intra e interfamiliares. Além de muitas vezes serem os provedores da casa, cabe aos avós cuidar dos netos integralmente, 24 horas por dia. Esse cuidado implica extrema dedicação e pode levar os avós a interferir na educação das crianças, o que gera inúmeros problemas.

Este livro fala de família. Seu foco são as figuras femininas.

Ele foi escrito para você, avó.

Ele foi escrito para você, sogra.

Ele foi escrito para você, nora e mãe.

Ele foi escrito para você, neta.

1. *Criando adolescentes em tempos difíceis* (2009), *A culpa é da mãe* (2012), *Criando filhos em tempos difíceis* (2013) e *Cadê o pai dessa criança?* (2013), todos publicados pela Summus.

Aqui, trato das sutilezas que envolvem a relação entre sogras e noras e aquelas existentes entre avós, filhos e netos. Procuo esclarecer os papéis de cada um no moderno sistema familiar, provocar reflexões que levem à melhoria dos relacionamentos e auxiliar na resolução dos conflitos. A leitura pelo seu parceiro certamente colaborará com esses objetivos.

Escrevo com humor, amor e crença em minhas convicções. Não uso jargões eruditos nem linguagem hermética, pois me dirijo aos leigos. Aqui eu compartilho minha experiência pessoal como mãe de quatro filhos, sogra de dois genros e de duas noras e avó de (por enquanto) seis netos. Abordo também (de forma anônima, claro) casos que atendi no consultório particular e podem contribuir no entendimento da dinâmica familiar.

Às jovens mães e filhas, pretendo dar dicas para lidar melhor com a mãe e com a sogra. Vou compartilhar algumas experiências e sugerir pequenas atitudes que farão que diante do pedido “Quero ir pra casa da vovó!”, você possa dizer: “Que bom! Vá mesmo. Como eu queria ter tido uma avó assim...”

Rubem Alves dizia que, se tivesse intimidade com Deus, trocaria os olhos dos pais pelos dos avós. Porque os olhos dos pais são administrativos e os dos avós passeiam sem pressa sobre uma criança que brinca num estado de felicidade que dura pouco.

Às sogras, meu conselho é ter cautela e palpitar pouco. Vejam só como nos definem:

“Sogra devia ser como a batata: já nascer debaixo da terra.”

“Feliz foi Adão, que não teve sogra.”

“O castigo da bigamia é ter duas sogras.”

“Deve-se enterrar a sogra em época de seca, para não correr o risco de ela brotar.”

“Enterro de sogra é feito com dois caixões: um para o corpo e outro para a língua.”

Conheço até uma oração dedicada a nós, sogras: “Deus, receba a minha sogra com a mesma alegria que eu a mando”.

Entendeu por que você deve se calar?

Por outro lado, embora tenhamos muitas funções, as frases que nos definem como avós são mais poéticas:

“Nunca entenderás realmente uma coisa até que consigas explicá-la à tua avó.”

“A avó segura nossa mão por um instante e nosso coração para sempre.”

“As avós são mães com um monte de cobertura doce.”

De modo que tudo é uma questão de ponto de vista. Depende de quem a vê! Faça-se de sonsa diante daquilo de que você não gosta. Buda dizia que não havia luta entre o bem e o mal, mas entre a sabedoria e a ignorância. Portanto, não assuma os papéis que porventura queiram lhe dar (chata, jararaca, velha, metida, dona do saber, encrenqueira, perseguidora, ciumenta etc.). Seja inteligente e afaste-se antes de ser rotulada dessa forma.

Relacionar-se é algo um tanto doloroso e complicado, apesar de ser maravilhoso e fundamental. Só existimos a partir do outro. Quando se fala de família, então... Assista ao filme *Parente é serpente* (1992), do diretor italiano Mario Monicelli. Ele retrata muito bem o que quero lhe dizer.

E a “casa da sogra”? É um lugar descrito como a própria “zona”. Será? A minha, posso afirmar que é. O pessoal entra e vai largando tudo no caminho: carrinhos de bebê, roupinhas, brinquedos, bolsas, sapatos... As pessoas se acomodam nos sofás, abrem a geladeira, comem e bebem, tomam conta do

controle remoto. Já tive de dividir a cama com o meu genro, que queria assistir à TV no meu quarto. Pode?

Pode. Na minha casa pode. Desde que não me incomode. E eu? Vou lhe confessar uma coisa: eu **ADORO!** Quando eles saem, dá uma tristeza... Mas uma tristeza diferente, que chega a aliviar.

Se existem brigas na minha família? Claro! Com tanta gente zanzando, tanta criança aprontando e tantas opiniões diferentes, é claro que acontecem os “arranca-rabos” – e dos feios.

Todas as famílias passam por dificuldades, principalmente quando começam a se ampliar e a receber novos elementos. Pessoas com outra cultura, outra educação e outros hábitos vão se acrescentando a ela, formando a “família mosaico” e muitas vezes trazendo confusões.

Quando a pessoa que entra na família não é bem-aceita pelos pais e pelos parentes do(a) parceiro(a), inúmeros problemas de relacionamento surgem. Por isso é importante escolher alguém que tenha mais ou menos os mesmos princípios que a gente. Em certos casos, as confusões acontecem já na fase do namoro. Quando a pessoa não se enquadra no modelo, têm início as interferências porque todas as famílias têm determinada expectativa quanto às escolhas amorosas de seus filhos.

O casal precisa ser unido e ter bom humor para lidar com a interferência dos pais. Mulher não fala mal da família do parceiro e vice-versa. Esse respeito ajuda a manter os laços entre as pessoas e evita fofocas e mágoas.

Se você soubesse o que escuto!

As sogras costumam dizer:

“Essa criança não é minha neta de verdade. É filha daquela outra que o meu filho escolheu pra casar. Se fosse minha neta,

eu até que cuidava dela, mas não vou cuidar dessa menina mal-educada!”

“Não sei o que o meu filho viu nessa mulher... Só pode ser sexo, né?”

“Família a gente tem quando os filhos são pequenos.”

“Filho criado, trabalho dobrado.”

“Essa gente é folgada demais... Tá pensando que aqui é a ‘casa da sogra’?”

“Ela que faça isso na casa dela!”

“A lambisgoia da minha nora só quer saber de torrar o dinheiro do meu filho.”

“Babá? Para quê? No meu tempo eu fazia tudo sozinha! Minha nora disse que não foi educada para limpar bunda de criança! Não tivesse filho, então!”

“Coitado do meu filho... Tenho certeza de que a minha nora deu o golpe da barriga.”

“Pobre do meu netinho, está tão magrinho!”

“O meu genro? Aquele encostado? Nem te conto... A minha filha é uma coitada. Ah, se fosse comigo...”

“Essa mulher se sente a dona da casa. Foi ela quem destruiu o casamento do meu filho. Nem bem chegou e já quer mandar em tudo.”

“Escuta aqui, mocinha: quero deixar claro que você não está se casando somente com o meu filho. Está se casando também com o meu companheiro, parceiro, amigo e irmão.”

Os casais jovens, por sua vez, costumam se queixar:

“Minha mãe acabou de sair. E, como sempre, só me criticou em tudo que eu faço.”

“Eu não vou almoçar na casa dos seus pais! Não suporto a sua mãe falando na minha orelha o tempo todo.”

“Sabe o que a sua mãe fez? Veio aqui, mexeu na casa toda, mudou a decoração e disse que eu não tenho bom gosto.”

“A sua mãe passa o tempo todo falando da sua ex-mulher.”

“Querido, você não vai falar para a sua mãe parar de palpar na nossa vida?”

“O que você quer que eu faça? Ela é minha mãe e você tem de respeitá-la...”

São tantas reclamações... E que mãe já não escutou a clássica frase “Eu não pedi pra nascer!”? A falta de diálogo e de respeito dentro da família pode contribuir para o fim de muitos casamentos e trazer problemas psicológicos para todos. Por vezes, a competição acirrada entre nora/sogra e os desentendimentos entre marido/mulher aumentam ainda mais quando nascem as crianças. Os pais querem exercer a sua função. Já as avós anseiam por reviver a própria maternidade.

Há mulheres que acham seus filhos uns incompetentes e desejam continuar mandando neles, nas noras, nos netos. Existem sogras que adoram quando o casal se separa. E também encontramos filhas e noras que querem ver a mãe e a sogra há quilômetros de distância delas: se possível, em outro planeta.

Embora estudos mostrem que grande parte dos casais não tem maturidade para levar uma vida a dois (o que não tem nada que ver com suas mães ou sogras), indicam também que a mulher que não conseguiu elaborar os conflitos com a própria mãe poderá transferi-los para a sogra.

Assim, por vezes a pobre da sogra (que pode ser você) se transforma na figura responsável pela infelicidade do outro (no caso, a sua nora). Evidente! As pessoas sempre buscam alguém para acusar (até você faz isso). Reparou que ninguém aponta esse dedinho acusatório para si?

É preciso aprender a gerenciar os conflitos familiares, mas tomando muito cuidado para não produzi-los. Já dizem as más línguas que sogra é como cerveja: “Só é boa gelada e em cima da mesa”. Por favor, não dê motivos para acabarem ainda mais com a nossa categoria!

Infelizmente, vi também muitos avós rejeitando os netos e inúmeros pais negligentes, que delegam – sem motivo – os cuidados com a criança aos avós, mas 60% das crises familiares acontecem entre noras e sogras, até porque, na maioria das vezes, o homem não consegue dar limites à mãe ou à própria mulher.

O filho homem que se casa encara o comportamento da mãe como algo normal, justificando seus desmandos. Tenta acalmar a companheira ofendida, dizendo: “Ela é assim mesmo... Não ligue, isso passa! Você precisa fazer como eu. Aprenda a ficar quieta. Não dê bola pra ela”.

Acontece que ele viveu anos e anos com a mãe e comeu do pão que o diabo amassou até aprender a lidar com ela. Esquece que a sua jovem mulher, além de não ser filha dela nem ter vivido tanto tempo com ela, costuma sentir-se desamparada. É justamente aí que começam as encrencas e os conflitos entre a sogra e a nora, que podem acabar se transformando em uma crise conjugal.

Outra atitude comum é a esposa falar mal da mãe do marido para ele. “A sua mãe é uma víbora, não sei como você não consegue enxergar! Não é à toa que o seu pai largou dela. Velha fofqueira”. Ou: “Você e a sua mãe são farinha do mesmo saco. Coitado do seu pai”.

Assim é demais... Ele pode falar mal da mãe dele, mas ninguém mais, e vice-versa. Assim, a chave para evitar brigas é ninguém falar mal da mãe de ninguém. Como já dizia J. A.

Gaiarsa, mãe é um negócio muito complicado. Cada um que cuide da sua.

Além disso, todo vínculo mal resolvido prejudica na família toda. Quem sofre? Todos, porque na imaginação das pessoas a família deve seguir os modelos que os comerciais apresentam: todos lindos, alegres, brincando com o cachorrinho etc. Por mais que as mulheres lutem contra o modelo de matriarca feliz e centralizadora, existe uma bagagem cultural, genética e moral que as faz carregar esse papel.

1. A avosidade



SEGUNDO PESQUISADORES DA UNIVERSIDADE Católica de Brasília, “a avosidade, definida como laço de parentesco, está intimamente ligada às funções materna e paterna, das quais, entretanto, se diferencia, exercendo papel determinante na formação do sujeito”.¹ Assim, as avós têm papel fundamental na formação cultural, social e ética de seus netos. Mas nem sempre foi assim.

Na Antiguidade, era muito importante que as famílias fizessem sua genealogia. Para os judeus, por exemplo, o registro dos antepassados era o certificado de pureza da raça como membros descendentes do povo de Deus. As mulheres nunca entravam nesses registros, pois eram consideradas coisas e não pessoas. Porém, nos registros dos antepassados de Jesus, Mateus incluiu quatro de suas avós. Veja como se chamavam e como foram descritas: Tamar, a incestuosa; Raabe, a meretriz; Rute, a excomungada; Betsabé, a adúltera. Não me pergunte a razão de tais adjetivos, mas, pela descrição, parece-me que elas não eram muito apreciadas.

A Bíblia também relata o relacionamento entre Rute e sua sogra, que reconto aqui de maneira livre. Eram tempos de fome em Israel. Noemi, o marido e seus dois filhos mudaram-

1 OLIVEIRA, A. R. V.; VIANNA, L. G.; CÁRDENAS, C. J. de. “Avosidade: visões de avós e de seus netos no período da infância”. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, v. 13, n. 3, Rio de Janeiro, 2010.